



A Muralha revelada à cidade

Classificada como Monumento Nacional, a Muralha de D. Dinis é a única muralha medieval de Lisboa que pode ser apreciada e compreendida através de um Núcleo de Interpretação. A exposição situa-se na cripta da antiga Igreja de S. Julião e convida a descobrir objetos, sons e imagens que caracterizavam os areais do Tejo nos períodos romano, medieval e moderno. Uma viagem de mais de 1000 anos pela história de Lisboa.

MUSEU DO
DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL



Núcleo de Interpretação

Muralha D. DINIS

A Muralha de D. Dinis

A Muralha de D. Dinis é um monumento indispensável para compreender a história de Lisboa.

Em finais do séc. XIII, Lisboa era um importante centro económico e de comércio sujeito a ataques vindos do mar. Para defender pessoas e bens, D. Dinis mandou construir uma muralha na zona ribeirinha da cidade.

Anterior à Cerca Fernandina, que ditou o seu progressivo abandono, a Muralha de D. Dinis esteve em uso durante cerca de 75 anos. Junto a ela desenrolava-se o dia-a-dia das gentes e sentia-se o bulício próprio da capital do reino.

Ao longo dos séculos, muitos edifícios aproveitaram a solidez desta construção

para aí apoiarem as suas paredes, entre os quais o Paço Real da Ribeira construído por D. Manuel no período dos Descobrimentos.

Em 1755, o Terramoto de Lisboa danificou quase por completo a estrutura, que permaneceu soterrada mais de 250 anos. Em 2010, escavações arqueológicas realizadas durante a remodelação da sede do Banco de Portugal trouxeram o monumento de novo à luz do dia.

No Núcleo de Interpretação da Muralha de D. Dinis é possível compreender o modo como esta estrutura defensiva do séc. XIII influenciou o posterior urbanismo da capital.



MUSEU DO DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL

Largo de S. Julião, Lisboa

Entrada gratuita
10h00 às 18h00 | Quarta a domingo
www.museudodinheiro.pt

Visitas para grupos | Marcação prévia
Reservas T + 351 213 213 240 | info@museudodinheiro.pt

Informações úteis
O museu tem loja, cafetaria e auditório.



I REI D. DINIS O longo reinado de D. Dinis (1261-1325) consagrou-o como um dos monarcas de maior relevância na sua época. Fixou as fronteiras de Portugal e impulsionou estrategicamente o comércio nacional e internacional. A D. Dinis se deveu a grande importância dada ao ensino, à língua portuguesa e à cultura.

A sonoplastia da exposição destaca o legado trovadoresco do monarca. Vídeos apresentam a genealogia de D. Dinis, o Tratado de Alcanizes, entre outras imagens e documentos da época.

Moedas portuguesas e francesas – tornês, dinheiro e um *gros tournois* – ilustram as transações internacionais em franco progresso no reinado.

II ANIMAÇÃO CRONOLÓGICA Projeção na cripta mostra a evolução do urbanismo na frente ribeirinha, das cercas e muralhas e do sistema antissísmico que perdura desde o século XVIII.

III LIXBOA CENTRO DE CULTURA A reconquista de Lisboa, em 1147, trouxe um considerável desenvolvimento económico. A cidade cresceu para fora da Cerca Moura e estendeu-se pelo vale da Baixa. Lisboa tornou-se um pólo comercial e cultural importante na Europa e a sua corte um dos maiores centros literários da Península Ibérica.

A cidade medieval é apresentada por imagens e documentos que ilustram a malha urbana tardo-medieval, os ofícios e o comércio.

IV O TEMPO NARRADO PELA ARQUEOLOGIA A intervenção arqueológica permitiu caracterizar a evolução da Baixa lisboeta entre a época romana imperial e a atualidade.

Registos visuais documentam passo-a-passo o processo de trabalho.

Os sons evocam o período medieval, recriando o quotidiano dos mercados e dos ofícios de uma cidade em movimento.

V DE FRAGMENTOS A ARTEFACTOS

Os vestígios da presença humana remontam a cerca de 2000 anos.

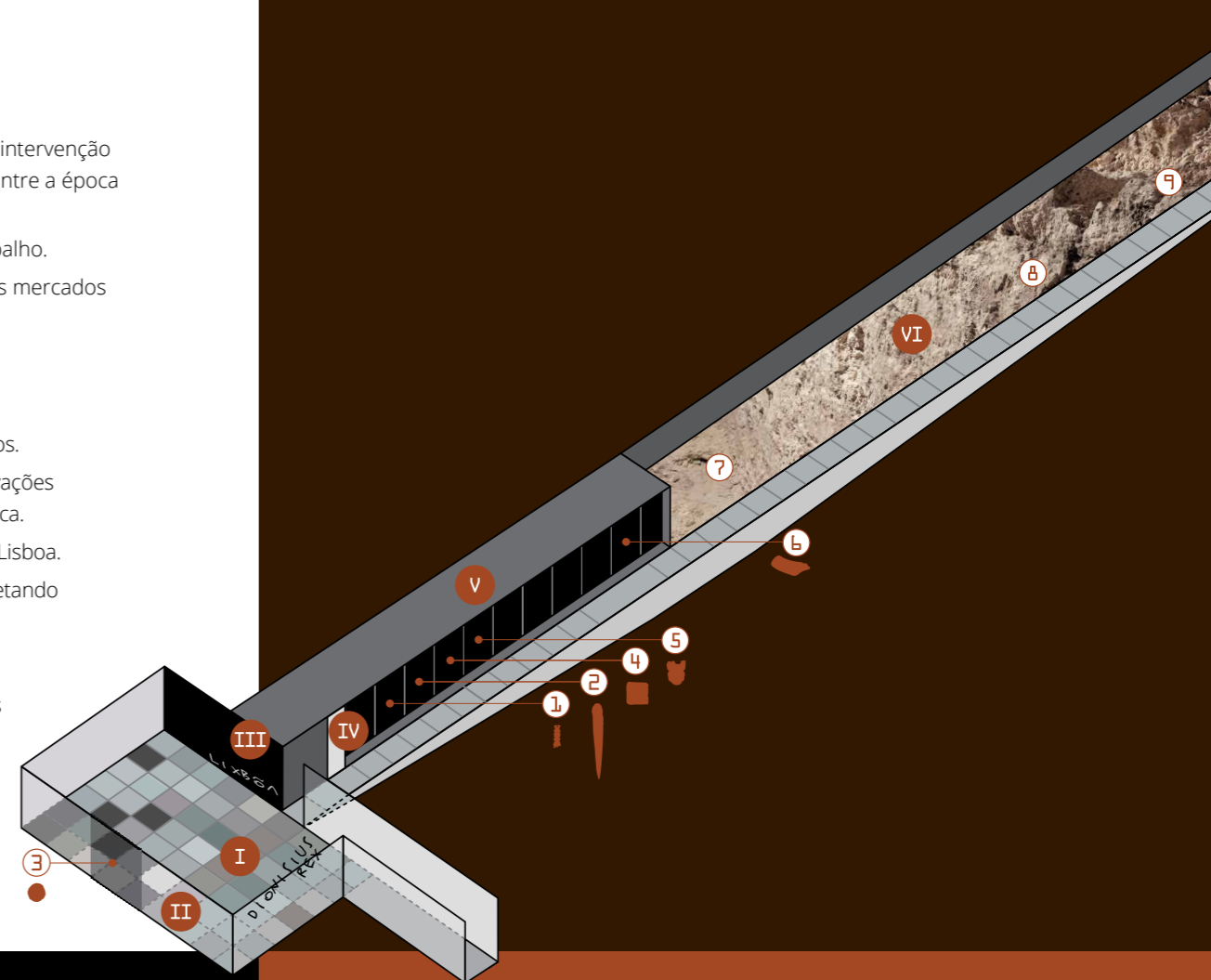
Dos mais de 100 000 fragmentos cerâmicos recolhidos nas escavações arqueológicas, a maior parte pertence às épocas romana e islâmica.

Os objetos expostos atestam a vocação comercial e marítima de Lisboa.

Animações em 3D reconstroem virtualmente cada objeto, completando assim a informação sobre a sua forma, textura e função.

VI A MURALHA Este inédito troço de muralha expõe evidências materiais da história como o reboco original, tosco e degradado, da sapata, e – numa faixa superior bem definida – o revestimento do Paço Real da Ribeira, construído já no século XVI.

Os sons encenam o espaço e remetem para os areais do Tejo, a força das marés, embarcações e o voo das gaivotas sobre o Tejo.



1 Figa | Séc. XVIII-XIX. Este tipo de objeto, já conhecido na Antiguidade Clássica, era originalmente um símbolo de caráter sexual. Ao longo do tempo, a sua simbologia evoluiu, passando a ser usado como amuleto contra o mau-olhado.

2 Estaca Pombalina | 2.ª metade do séc. XVIII. Elementos pertencentes à estrutura do edifício do Banco de Portugal. Estas estacas de pinho estavam cravadas verticalmente sob os alicerces do edifício e serviam para estabilizar o solo e as paredes. Todo o quarteirão assenta sobre estacas como estas, típicas das soluções arquitetónicas do período pombalino.



Tornês
1279-1325 | Prata

Gros Tournois
1226-1270 | Prata

Dinheiros
1279-1325 | Bolhão



4 Azulejo | Séc. XVI. Azulejo com decoração geométrica polícroma realizado com recurso à técnica de corda seca, tipicamente mudéjar, muito em voga nos inícios do séc. XVI.

Supõe-se que tenha integrado uma das divisões do antigo Paço Real da Ribeira, que se estendia até à Muralha de D. Dinis.



5 Torre | Séc. X-XIII. Fragmento de objeto em forma de torre, decorada com motivos geométricos. O desaparecimento da base impede a identificação clara da sua natureza, que poderá ter sido uma peça de xadrez ou a extremidade de uma roca de fiação.



6 Almofariz | 1.ª metade do séc. II d. C.. Fragmento de bordo de almofariz, que apresenta uma estampilha com a legenda "DIONYS(I) DOM LUCILLI". Indica uma produção do oleiro Dionysius das oficinas de Domitia Lucilla, a Menor, mãe do imperador Marco Aurélio.



7 Fratura no reboco | Linha de fratura no reboco, que se estende diagonalmente entre o topo da sapata e a parte superior da muralha. Terá resultado de um sismo, provavelmente o terramoto de 1755.



8 Poço pombalino | O poço pombalino foi construído depois de 1755, quando a muralha já estava soterrada e a circulação se fazia a um nível do solo próximo do atual. Os poços permitiam o fornecimento de água (por vezes potável) para as tarefas domésticas e, sobretudo, garantiam as reservas necessárias para combater os incêndios na cidade.



9 Revestimento cerâmico | Revestimento cerâmico de parede provavelmente de uma divisão do Paço Real da Ribeira que absorveu a Muralha de D. Dinis nos séculos XVI a XVIII.